

Apontamentos da Escola de Comunidade (EdC) com Julián Carrón
Milão, 18 de dezembro de 2019

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, pp. 24-36.*

- *My song is love unknown*
- *La notte che ho visto le stelle*

Gloria

“O que é um acontecimento?” é o parágrafo de *Gerar rasto* com o qual começamos hoje o nosso trabalho de Escola de Comunidade (EdC). A primeira coisa que devemos ter sempre presente, e à qual devemos ser constantemente chamados para sermos fiéis ao carisma, é o método: a experiência. Vamos por isso verificar a experiência: quem se surpreendeu, no trabalho deste mês, com algum acontecimento? Porque podemos ter trabalhado o tema do acontecimento, mas sem o intercepar, e então a EdC torna-se uma grande panela em que deitamos palavras, mas, ao fazê-lo, aumentamos apenas o niilismo, porque nada acontece. Com a palavra "acontecimento" na nossa boca nada acontece. Não demos isto por adquirido, porque não é com comentários sobre o acontecimento que eu percebo o acontecimento, mas sim quando fico surpreendido com o imprevisível que acontece. Agora, cada um, com o que reconheceu, poderá dialogar com os que vão intervir, para verificar se a experiência que fez responde às perguntas que surgem ao longo do caminho.

Agradeço-te o caminho de autoconsciência que me estás a ajudar a fazer. Quanto mais o tempo passa, mais se aprofunda a consciência do dom que foi o meu encontro com o movimento há tantos anos atrás. Hoje posso dizer que o meu desejo de seguir o movimento cresceu e com ele cresceram o meu conhecimento e a minha afeição por Cristo, que sinto cada vez mais "pertinente" à vida, na plenitude de significado que dá às coisas e à minha pessoa. Tudo isto depende certamente do facto de que para mim as oportunidades de encontrar uma autoridade são muitas e muito convincentes; tenho muitos amigos com quem muitas vezes é suficiente um olhar para ser lembrado de quem eu sou e para o que sou feito. Por esse motivo, a partir da Jornada de início de ano, não tive dificuldade em reconduzir a essas experiências o significado das palavras "autoridade" e "acontecimento" (que para mim coincidem). Durante alguns encontros de EdC, no entanto, pareceu-me que a coincidência entre o encontro com Cristo e a carnalidade dos cristãos não tinha emergido claramente; em particular, as passagens nas quais falamos de toda a realidade como um acontecimento às vezes têm sido confusas. Olhando para a minha experiência, os encontros com o céu, as montanhas, os colegas particularmente vivos, as crianças, os pobres, os doentes, são certamente acontecimentos, mas a possibilidade de reconhecê-los como tais e, portanto, de reconhecer a sua ligação com Cristo, seria impossível para mim sem o encontro com a humanidade de Jesus, sem o encontro que me mudou e que me muda. Na minha opinião, o acontecimento do encontro com a carnalidade de Cristo, ou seja, com quem tem fé, é de ordem superior, é de natureza diferente, tem um conteúdo único relativamente a

qualquer outro acontecimento. Há aqui alguma coisa errada? Estou a simplificar demasiado?

Como é que consegues explicar a afirmação contida na EdC de que "a criação é um acontecimento" (p. 25)? Porque a criação está a acontecer agora. É importante ter isto presente, porque tu disseste uma coisa fundamental, mas é necessário percebê-la no contexto em que aquela afirmação é feita. Reconhecer a realidade como sinal do Mistério, como uma coisa que remete para o Mistério - não como resultado de um raciocínio, mas como o reconhecimento de um facto que está a acontecer agora, que o Mistério está a fazer acontecer agora, está ao alcance de todos, como diz São Paulo no início da carta aos Romanos: todos podem perceber o Mistério "através das Suas obras" (Rm 1-20). Não há oposição, portanto. Mas tu disseste uma coisa que, historicamente, está correta: embora exista a possibilidade referida por São Paulo - que nunca podemos impedir -, historicamente, pela nossa condição, pela dificuldade, de que fala *Gerar rasto*, em compreender a realidade no seu acontecimento por causa da ferida que temos em nós, muitas vezes não conseguimos, e por isso esta possibilidade não se torna realidade, não se realiza. É por isso que me espanta o modo como os Evangelhos documentam a experiência diária de Jesus, que muitas vezes damos por óbvia; a presença histórica de um homem, Jesus de Nazaré, documenta o que a vida se pode tornar quando se vive a realidade intercedendo o acontecimento enquanto está a acontecer: "A dinâmica do acontecimento descreve cada instante da vida: a flor do campo que "o Pai veste melhor do que Salomão" é um acontecimento [Jesus apreende-o enquanto está a acontecer: é o Pai que está a revestir de beleza a flor, como Salomão não é capaz de fazer]; o passarinho que cai - "e o Pai celeste sabe-o" - é um acontecimento; "os cabelos da cabeça contados" são um acontecimento [...] que está a acontecer ainda hoje como novidade, na medida em que a sua explicação não é exaustiva. Entrever na relação com cada coisa alguma outra coisa significa que a própria relação é um acontecimento" (pp. 25-26). Esta é a contribuição que Jesus introduziu - como disseste muito bem - na história: sem ele, não podemos olhar para a realidade assim, com este imediatismo; só é possível pertencendo ao acontecimento que Ele começou a realizar no mundo. É por isso que é surpreendente ver como Jesus encarna uma modalidade de relacionamento verdadeiro com a realidade, como se nos dissesse: «Pode-se viver assim a realidade, pode-se viver com a capacidade de apreender todo o poder que tem, toda a novidade que ela traz.». Na companhia de Jesus, esta possibilidade pode tornar-se familiar, como tu estás a ver na tua vida. É por isso que devemos aprender o Seu olhar sobre a realidade, porque "se o homem [esta é a frase decisiva] não olha para o mundo como "dado", como acontecimento, a partir do gesto contemporâneo de Deus que Iho dá [se nós não apreendemos isto como Jesus o apreende], este perde toda a sua força de atração [perdemos o melhor], de surpresa e de sugestão moral" (p. 26), e tudo se torna aborrecido. O objetivo da companhia que Jesus nos faz é precisamente este, que se torne familiar reconhecer tudo como um acontecimento. Sem Ele, este reconhecimento seria uma exceção. Mas às vezes - e assim avançamos no trabalho de hoje - surge a questão de saber se tudo é acontecimento, especialmente quando uma situação é dolorosa.

No trabalho da EdC deste último período, uma amiga nossa perguntou: "Então, como é que se consegue interpretar, olhar objetivamente as circunstâncias que acontecem?". A pergunta e o termo "objetivo" trouxe-os comigo nos dias seguintes, tentando evitar o risco de lhe pôr em cima uma resposta lógica que aguentasse e assim encerrar a questão.

Alguns dias antes, um sobrinho meu, muito novo, tinha morrido repentinamente com um ataque cardíaco. Quando a notícia chegou, eu estava em casa. Fiquei transtornado e a primeira coisa que me veio à cabeça foi abrir o livro da EdC e pôr-me a ler. Naquele momento, nada me parecia mais adequado para poder enfrentar um facto tão perturbador. Ao velar o corpo do meu sobrinho, em silêncio, as palavras da EdC que eu tinha devorado nos dias anteriores, como nunca me tinha acontecido, a pouco e pouco tomaram vida; a comparação entre o que estava a acontecer ali e o significado da palavra "acontecimento" que eu tinha lido está fixa na minha mente e no meu coração: um facto "sem margens" no imprevisível [...] que emerge na experiência revelando o Mistério que o constitui. [...] "coincidência" entre o real experimentável e o Mistério" (pp. 27, 28). Um fator novo e inesperado tinha entrado na minha ferida aberta, e devolvia-me toda a minha humanidade, coisa que todo o meu esforço, ainda que bom, não tinha sido capaz de fazer. O é que que percebi presente no meu olhar e que pacificou concretamente o meu coração numa situação tão dramática - tanto que desejo não a perder -, se não uma presença excepcional real, "a quem posso dizer" tu "- que diga: "Sem Mim nada podeis fazer"?" (p. 32) Por favor, ajuda-me a perceber se todas as circunstâncias são realmente um acontecimento e se este termo "objetivo" coincide com o pedido de poder apreender "momento a momento, a relação de tudo com a origem! [...] uma relação definitiva com o Mistério", pelo que " não se perde nada "do que somos, mas, como lemos no capítulo 4," é esta a nossa felicidade " (p. 28).

A resposta à tua pergunta já está contida no que disseste. Agora tens de perceber o que experimentaste, porque "na minha ferida aberta", como disseste, " tinha entrado um fator novo e inesperado " que - é este o poder de Cristo! – te devolve a tua humanidade, para poder ver tudo o que está a acontecer, aquela excepcionalidade única que te permite dizer: "Tu" até naquela situação, dentro daquela situação, não ao lado, nem depois, nem antes e sem a qual tu estarias derrotado. Esta é a resposta para a tua pergunta: qualquer circunstância, mesmo dolorosa, pode-se tornar ocasião para o reconhecimento da natureza excepcional do acontecimento que está a acontecer diante dos teus olhos. É por isso que é essencial que nada nos seja poupado, porque devemos vê-Lo vencer ali, não noutra lugar. Quem viu Cristo vencer no meio de uma situação dolorosa?

Ao ler a ordem do dia do retiro da Fraternidade, pensei na experiência de paternidade que vivi inconscientemente nos últimos meses, em que acompanhei a minha mãe na sua doença. A notícia chegou como um relâmpago e, depois de uma série de telefonemas, percebi que a situação era muito grave. Falei logo com alguns amigos para me ajudarem a perceber, porque a realidade deixou-me muito assustada. Nenhum dos médicos teve a coragem de dizer qualquer coisa à minha mãe, deixaram-me a tarefa de dar a notícia. Podem imaginar a dificuldade e a dor. Parecia-me uma total negação do meu desejo de eternidade, que mesmo naquele momento era mais claro do que nunca. Estava zangada e decepcionada. No entanto, na dificuldade que eram os meus dias, houve sempre um "fio vermelho", representado pelos rostos de alguns amigos, do meu marido e do meu filho, que nunca me abandonaram. Quando tanta gente me dizia que a vida é apenas uma grande injustiça, aqueles rostos obrigavam-me a permanecer no presente. A presença deles obrigava-me a perguntar sobre o que haveria de bom para mim no presente. Por isso, no meio da dor, inesperadamente, começaram a entrar em mim sentimentos de espanto e gratidão. Quando as coisas pioraram, a minha mãe foi hospitalizada numa casa de repouso. Acompanhá-la foi a enésima dificuldade. Assim que cheguei, descobri

que um padre meu amigo também lá estava internado. Quando fui ter com ele, não consegui conter-me e pus-lhe todas as minhas perguntas e objeções. Estou-lhe grata porque ele nunca tentou dar-me respostas, mas limitou-se a valorizar o meu desejo infinito de significado, de justiça, de beleza. A sua paternidade e a companhia de alguns amigos fizeram-me mudar. Tive que render-me à evidência de que havia algo bom para mim. A certa altura, o meu olhar já não era o mesmo. Estava profundamente triste, mas serena, já não estava zangada. Olhava para a minha mãe de uma maneira diferente! Percebi que até então tinha olhado para a minha mãe na sua doença, mas agora era claro que ela era muito mais que a sua doença. Um dos momentos em que mais experimentei esse bem foi quando o meu amigo padre se levantou e caminhou o corredor inteiro para dar a absolvição à minha mãe moribunda, inclinando-se sobre ela. Nesse momento, foi como se Deus se tivesse curvado sobre nós e nos tivesse abraçado. O meu pai - com tudo o que viveu, ele que sempre manteve as suas distâncias da Igreja - queria conhecer o "padre rocha", como o definiu. Quando o vi a conversar com o meu pai de maneira tão paternal, perguntei-me verdadeiramente "quem é este", que até o meu pai atraía através de um corpo frágil e doente, de tal forma que o meu pai foi ao funeral quando aquele padre morreu. O que mais preciso agora é poder reviver a experiência destes meses todos os dias. Porque o passado não é suficiente para mim! Preciso de ver os sinais da Sua presença pelo menos um instante todos os dias. Preciso de saber hoje que Ele está comigo todos os dias, até ao fim dos tempos.

Assim, no meio da dor, "inesperadamente, começaram a entrar em mim sentimentos de espanto e gratidão; [fruto de uma paternidade vivida] estava profundamente triste, mas serena». Cristo não veio para nos poupar à dor, mas para se fazer companheiro à nossa vida, para que possamos vivê-la com um significado. O que é preciso para poder experimentá-lo constantemente todos os dias? Esta é a grande questão, porque, como lemos no ponto 4 da EdC, o acontecimento é "a palavra mais dificilmente entendida e aceite", porque há em nós uma resistência que só pode ser vencida "por quem é puro de coração e criança de espírito" (p. 27). Não é que não aconteça alguma coisa, mas é necessária uma simplicidade para o reconhecer. Só isso nos pode despertar para nós mesmos e para a verdade da nossa vida. Onde é que vimos isto acontecer?

Há alguns dias, jantámos com antigos colegas de escola: alguns deles há mais de trinta anos que não nos víamos. Fui eu que tive a ideia: organizei tudo, foi uma noite linda. No final, li em voz alta, como dedicatória para cada um, alguns versos de Minha juventude de Ada Negri ("Eu não te perdi. Outra és, mais bela./Amas, e não pensas ser amada: por cada [...] bebé que nasce, a Deus [...] das graças no teu coração") e disse que eu sinto assim aqueles anos e o meu presente (uma pessoa queria tirar uma foto da página do livro); depois dei a todos o Manifesto de Natal enrolado e atado com um laço. Eles abriram, leram, alguns ficaram impressionados com as palavras do texto de Manzoni: «Preciso de vos ouvir, de vos ver! Preciso de vós!». Todos ficaram impressionados e agradecidos pelo simples facto de que eu me tinha lembrado deles assim. Senti-me livre para me comunicar, grata pelo encontro que me agarrou quando tinha dezasseis anos, quando Deus me deu aqueles companheiros e o nosso professor, e que, sem mérito, continua a acontecer-me agora. Que impressão ler na página 34 da EdC: "A pessoa em quem embatemos torna-se «encontro» se a virmos empenhada de forma «diferente» - com uma diferença que atrai – nas coisas comuns, ou seja, se ao falar, ao comer, ao beber, ela nos torna perceptível e oferece à nossa existência uma diferença qualitativa, de tal forma que nos vamos embora sacudidos pelo facto de que o comer e o beber

tenham um significado absoluto e que uma palavra dita na brincadeira tenha um valor eterno». Isto veio-me à cabeça quando olhei para os meus alunos, todos os dias, todos os anos, os miúdos dos Liceus, aqueles que agora estão na universidade, os "primeiros" que estão nos Liceus este ano: o que será deles? Eu também fui assim, e como aquela realidade frágil frutificou graças à obra de um Outro! Todas as quartas-feiras vamos à EdC para ver o que o Senhor faz acontecer na nossa vida; e um miúdo intervém e diz que não sabe o que o atrai no nosso encontro todas as semanas, mas começa a esperar o dia da EdC e do grupo de estudo. E conversamos, confrontamo-nos com as respostas impressionantes de don Gius, com as tuas, Carrón, e com as do don Pigi, que nos propõem as respostas de Jesus; ajudamo-nos uns aos outros a procurar perceber e depois damos tempo ao tempo para amadurecer estas provocações e perguntas, convidando à lealdade de um caminho, compartilhando os passos, as propostas e as observações entre nós, adultos. E assim dou por mim a esperá-Lo em tudo, nas relações familiares, no regresso dos filhos mais velhos de Milão, nos corredores e nas aulas na escola, nas chamadas que me esperam amanhã. Obrigado pela tua amizade e paternidade.

Quando se tem esta pureza de coração, que o recém-chegado nos pode testemunhar - como os antigos colegas de escola ou os miúdos dos Liceus que querem ver o que faz acontecer o Senhor todas as semanas, até àquele miúdo que mal pode esperar pelo dia da EdC! -, começamos a intercetar os sinais desta novidade que permanece presente na história. Depois dá-se tempo ao tempo para amadurecer, de acordo com um desígnio que não é nosso. É surpreendente fazer uma comparação com o que *don* Giussani escreve, que nos testemunha sempre, falando destas coisas, através de uma breve alusão, qual é a sua experiência: "Que intensidade é prometida à vida de quem apreende, momento a momento, a relação de tudo com a origem [é a esta intensidade que somos chamados; não estamos aqui para perder tempo a falar, porque somos chamados a experimentar esta intensidade em tudo o que tocamos] [...], é esta a nossa felicidade"(p. 28). Não usa palavras banais, mas cheias de conteúdo, que expressam uma intensidade humana. A verificação de que realmente compreendemos o acontecimento no seu acontecer é que a realidade adquire esta intensidade e nos traz felicidade porque está cheia da atratividade de que estávamos a falar. Por isso, é decisivo aceitar seguir este caminho seguindo a modalidade com que o Mistério o faz acontecer. Mas o drama reaparece sempre. Em que consiste?

Como disseste agora mesmo, no ponto 4 da EdC lemos: "Que intensidade é prometida à vida de quem apreende, momento a momento, a relação de tudo com a origem! Cada momento tem uma relação definitiva com o Mistério, e por isso não se perde nada: existimos para isto, e é esta a nossa felicidade». Muitas vezes, porém, vivo exatamente da maneira descrita nas seguintes linhas: "Existe, no entanto, uma ferida no coração devido à qual se distorce qualquer coisa no homem e ele não consegue, com as suas próprias forças, permanecer na verdade " (p. 28). Há alguns dias, um colega disse-me que quer fazer ciência e não afogar-se na burocracia, nos prazos. Penso com muita frequência: "Estudei para fazer certas coisas e tenho de perder tempo com outras". Também são acontecimento os milhares de solicitações da vida quotidiana que parecem afastar-me do que deveria fazer? São um obstáculo ou indicam um caminho? Vendo-te a ti e a alguns amigos, reconheço pessoas que não vivem assim, mas isso não parece suficiente.

Ora bem: as tarefas de todos os dias, aquele quotidiano "que corta as pernas" (Pavese), são apenas um obstáculo ou também um caminho? A vida é vocação, nós caminhamos para o destino através destas coisas! Quem o descobriu?

Olá Julián.

Olá. Como é que o descobriste?

Tem sido um período um bocado difícil por causa de muitas coisas que aconteceram, e como se não bastasse uma colega minha tem sido muito desagradável comigo. Um dia ultrapassou tudo e fui para casa realmente aborrecida. Pensei no que havia acontecido e decidi que "tinha que tratar do assunto!". Disse para mim mesma: há dois caminhos a seguir: o confronto direto e, portanto, uma grande discussão, ou a atitude, que eu considerava mais "cristã", de tolerância e resignação. No dia seguinte, ia de carro para o trabalho, como de costume, com esta preocupação, quando inesperadamente, numa rotunda, um amigo passa por mim no carro! Começo a buzinar, ele reconhece-me e lembra-se de me ligar. E assim começamos uma bela conversa, sobre a nossa vida, o nosso desejo. Meia hora de alívio! Eu nem mencionei o problema com que me tinha levantado naquela manhã, mas quando entrei no escritório e vi a minha colega, estava tão contente que só queria abraçá-la! Não pude fazê-lo porque a nossa relação não o permite, mas parei para cumprimentá-la com alegria. À noite - como o meu amigo me tinha sugerido, para não "perder" as coisas que acontecem - li algumas linhas da EdC, em particular: "O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar a sua natureza: nem a palavra lei, nem as palavras ideologia, conceção ou projeto. O cristianismo não é uma doutrina religiosa, um conjunto de leis morais, um complexo de ritos. O cristianismo é um facto, um acontecimento: tudo o resto é consequência" (pp. 20-21). Eu acho que isto aconteceu naquela manhã. Muito obrigado por tudo.

Diante de uma dificuldade, a nossa primeira hipótese de resposta é a confrontação ou a resignação; mas há outra possibilidade: que o imprevisto aconteça, como naquela manhã, que, através de um encontro casual, irrompa algo novo que quebra este mecanismo - ou o confronto ou a resignação -, algo que não nos poupa a dificuldade, mas que nos liberta: invade-nos uma presença que nos faz querer abraçar aqueles que consideramos inimigos. Por esse motivo, voltando à intervenção anterior, cada obstáculo é uma oportunidade para reconhecer o acontecimento que acontece. E isso faz-nos perceber a diferença entre sentido religioso e fé, de que Giussani fala no ponto 5 do capítulo.

Há um ano e meio, durante uma assembleia, tu lembraste-me de novo que desse crédito e me ancorasse, não aos meus raciocínios - que não são capazes de me convencer a mim nem a qualquer outra pessoa -, mas aos factos que me impressionam. Naqueles dias, a alternativa muito concreta estava entre algumas das minhas reflexões e o facto de um simples jantar, no qual percebi que era preferido pelo Mistério. Durante aquela assembleia, tu fizeste-me parar com as minhas análises, insistindo: "O jantar! O jantar!». Os pensamentos ou os factos.

A mensagem chegou-me, alto e bom som. Pu-la também no meu perfil social: "O jantar!". O caminho que se abriu foi de uma intensidade fascinante, porque os factos, sempre diante de mim, começaram a ser mais significativos. Surpreendi-me continuamente chamado a lidar com o que acontece em mim diante dos factos, a segui-los, a seguir um caminho que se abre entre um facto excepcional e outro. E os factos

excepcionais multiplicaram-se dramaticamente. Ultimamente, como sabes, estou a descobrir de novo o caminho de John Henry Newman, tendo que apresentar o livro do mês (J.H. Newman, *O coração do mundo. Antologia dos escritos*, Bur, Milão 2011) a muitos amigos. Eu conheço-o há cerca de dez anos, mas agora ele fala-me com uma nova intensidade, porque o seu caminho é precisamente esta obediência aos factos, a ponto de reconhecer na experiência a autoridade de Cristo e da Igreja. Há duas noites, na missa, fiquei comovido ao ouvir o evangelho do encontro entre Jesus e alguns dos principais sacerdotes e anciãos do povo que lhe perguntam: "Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu autoridade para as realizar? ". O Evangelho observa que Jesus responde fazendo uma única pergunta, que os obriga a lidar com a sua experiência: "O batismo de João é do céu ou dos homens?" (Mc 11, 28-30). No fundo, na assembleia de há ano e meio, eu fui olhado do mesmo modo. Lembrado novamente do método da experiência. Também aqueles chefes e anciãos foram colocados por Jesus diante de minha própria alternativa: tirar conclusões das minhas análises e das de outras pessoas ou permanecer na correspondência excepcional dos factos. Com aquela pergunta, Jesus coloca-os diante da resposta que eles já têm na experiência. De facto, em xeque, eles têm que fingir que não sabem. Este chamamento a olhar o que acontece em mim diante do facto como correspondência excepcional, é o gesto que mais exalta a minha liberdade e me permite caminhar na primeira pessoa. A este respeito, surpreendeu-me uma passagem da EdC: "a resposta ao problema cristão - «Quem é Jesus?» - das concepções preconcebidas sobre o homem e sobre o mundo. E, no entanto, Jesus diz, como resposta: «Vejam as minhas obras», quer dizer, «Olhem para mim», que é a mesma coisa. Em vez disso, não O olhamos no rosto, eliminamo-IO antes de O tomarmos em consideração"(p. 32). No teu convite a prestar atenção ao "jantar", tu lembravas-me que estivesse atento ao acontecimento de Jesus! Obrigado.

É a isto que o acontecimento de Cristo nos chama constantemente, e podemos educar-nos a seguir os factos ou podemos ficar presos nas nossas análises, que são a modalidade com que eliminamos o Acontecimento. Não é que O neguemos explicitamente, mas na verdade eliminamo-IO do horizonte da nossa vida sem pestanejar. Mas mesmo diante do chamamento de Jesus: "Olhai para as minhas obras", isto é: "Olhai para mim!", pode-se permanecer suspenso, a meio do caminho. Como é que isto pode acontecer?

Há uma coisa que percebo que não compreendi completamente. No início do ponto 6, Giussani diz: "O rosto de Jesus [...] tem a aparência de rostos humanos ". E mais adiante: "Por isso o encontro [...] é o tornar-se evidente do acontecimento do Mistério presente através da precariedade de uma aparência humana" (pp. 33-34). Acho que compreendi a finalidade destas afirmações porque, se eu pensar na minha história, ainda que breve, aconteceu isto exatamente, a ponto de que dentro deste encontro Cristo me pediu toda a minha vida. Isto ficou claro desde o início e desde logo, no encontro feito, Ele revelou-se com os Seus traços inconfundíveis. Agora a minha pergunta é esta: justamente por causa desta circunstância tão decisiva, o encontro que fiz ligou-me a Cristo ligando-me à "aparência humana" com que Ele se manifestou pela primeira vez. No entanto, às vezes parece-me que a ligação a estas pessoas encobre, por causa da minha distração, o ponto de onde brota. Eu sinto-me ligada a estas pessoas, amo-as muito. Estou bem assim. Mas quando percebo este "estou bem assim", fico triste. Como posso ser ajudada a manter o meu coração sempre desperto para Aquele que me dá e me deu estes rostos, sem os absolutizar nem os reduzir?

Para intercetar a nossa humanidade, Jesus tornou-se carne e continua a ser carne chegando até nós através de rostos, como tu disseste. Mas muitas vezes - como com frequência temos que admitir – detemo-nos nesses rostos e dizemos: "Estamos bem assim". E quando vemos que isso não corresponde ao que realmente desejamos, começamos a culpar-nos. Somos uns pobres coitados, por isso que surpresa é que às vezes ficamos presos e permanecemos ligados aos rostos sem chegar a perceber o seu significado? Mas tu disseste uma coisa que, na minha opinião, é muito importante para um caminho humano. O quê? Que te sentiste triste. Como podes ver, o Mistério dá-nos imediatamente um sinal de dentro da nossa experiência: quando alguém fica no limiar dos rostos e os rostos não são o caminho para descobrir Aquele para quem remetem, não há correspondência e a tristeza aparece. Isto significa que o Mistério nunca nos deixa sem sinais que nos dão uma sugestão do passo a dar. E isto é precioso para quem como nós deseja fazer um caminho humano. Que precisamos de tempo para atingir a meta é normal, somos uns pobres coitados, não é preciso escandalizarmo-nos com isso; a questão é se usamos os sinais que o Mistério nos dá na experiência para não nos bloquearmos e então tudo se torna parte do caminho. Verificamos constantemente, na experiência, a verdade do que vivemos; por esse motivo, devemos estar atentos aos sinais de alarme que confirmam ou negam se permanecemos no limiar ou se realmente chegámos ao significado final. Há uma passagem da EdC que é decisiva para entender isto. Alguém a identificou?

Ao trabalhar a EdC, a questão do encontro como "facto histórico totalizante" impressionou-me muito. Tenho cinquenta e sete anos e sou do movimento desde os catorze. Tive muitos encontros, alguns foram fundamentais e deram uma direção à minha vida. Encontrei algumas pessoas que tornaram o rosto de Jesus evidente para mim. É verdade que me lembro do dia e da hora deste encontro. Mas o tempo encostanos às cordas, e ultimamente, o que é totalizante parece ser a dureza da vida. Cada dia é uma luta com os problemas que continuam a surgir no trabalho, as dificuldades nos relacionamentos e a decepção com o que não consigo fazer. No entanto, ao ler a EdC, fiquei impressionado com a última parte do ponto 6: «O encontro feito, pela sua natureza totalizante, torna-se com o tempo na forma verdadeira de cada relação, na forma verdadeira com que olho para a natureza, para mim mesmo, para os outros, para as coisas. Um encontro, se for totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações»(p. 36). Eu gostaria de perceber existencialmente esta passagem, porque sinto que isso é crucial para mim. O que significa que um encontro se torna a "forma verdadeira de cada relação"?

É maravilhoso que tantos tenham compreendido o objetivo deste ponto! Quem nos ajuda a perceber isto?

Começo com duas frases que me impressionaram lendo a EdC, porque elas têm muito a ver com o que vivi nos últimos quatro anos. No final do ponto 4, Giussani diz: "A experiência vivida todos os dias é que os homens tendem a identificar a totalidade da vida com algo de parcial e limitado. E sair desta parcialidade não está nas nossas mãos: nenhum de nós consegue, sozinho, manter um olhar verdadeiro sobre o real"(pp. 28-29). E no ponto 6, a certa altura, diz: «O encontro, que assinala o início de um caminho, é um momento feito de tempo e de espaço, acontece numa «hora» exata, que se pode identificar no relógio. E a vida é dada para aprofundar esse momento "(p. 35). O encontro é um facto histórico totalizante. Casei há quatro anos e o meu marido e eu quisemos logo ter filhos, o que ainda não aconteceu. Houve momentos realmente

difíceis, quando o choro estava na ordem do dia e ninguém, desde o meu marido até aos meus amigos, conseguia acalmar-me. Tudo para mim dependia dessa criança que não chegou (como diz Giussani: identifiquei toda a minha vida com algo parcial, como se a única possibilidade de felicidade para mim passasse pela resposta que eu tinha na cabeça para o meu desejo de maternidade). A certa altura, o meu marido disse-me: "Vamos falar com o padre que nos casou". Sabendo que uma das primeiras coisas que ele me perguntaria seria: "Fazes EdC?", antecipei-me e comecei a ler a EdC para não lhe responder sempre que não ... E que alívio! Estávamos a ler o Porquê a Igreja e, a certa altura, Giussani diz: "A função da Igreja na história [...] é o chamamento materno à realidade das coisas: o homem depende de Deus. [...] Se a consciência da dependência original é experimentada [...] todos os problemas estarão numa condição que facilita a solução. [...] Seria, de facto, um olhar direto para Algo maior do que o problema, que pode dar a tudo a perspetiva de um caminho bom" (Porquê a Igreja, Tenacitas, Coimbra, 2017, pp. 187, 189, 190). Juntamente com a EdC, eu estava rodeada pelo meu marido e pelos meus amigos. Até que um dia uma amiga minha me liga e diz: «Tu engravidas, ficas feliz, mas depois percebes que nem mesmo isso te basta. O ponto é onde é que apoiamos as nossas vidas». Inexplicavelmente, parei imediatamente de chorar, de um dia para o outro. Mudei, estou calma (tanto que posso contar-te isto tudo sem chorar), e não mudei através de uma definição, mas através de rostos e factos. Dei por mim a caminho e, agora, com um olhar novo sobre a minha dificuldade, que continua a existir. O que encontro em mim é uma alegria que não vem de mim, que me permite confiar-me completamente ao desígnio de um Outro e que ultimamente me enche de gratidão. A dificuldade existe e permanece, mas posso olhá-la com serenidade. Santo Agostinho disse: "O meu coração está inquieto até descansar em Ti". É preciso que Outro preencha a minha vida para que eu largue o que tenho em mente. Não posso tirar o meu desejo, porque ele existe. Mas agora já não caio na pretensão de que a resposta tem de ser como eu acho, mas estou numa posição de espera que um Outro responda ao meu desejo, estou atenta para perceber essa resposta. Partindo de novo de Cristo, aquela dificuldade já não é um peso esmagador. Assim que me afasto de Cristo, a ansiedade e o medo vêm logo, os meus pensamentos vencem, o choro vence; pelo contrário, quando parto dEle, o último juízo é esta alegria e esta paz de fundo que invadiu a minha vida. E olhando para a minha vida, eu sei que Ele não me trai. É verdade que, quando decido começar de novo a partir de Cristo, a presença do Senhor torna a minha vida mais verdadeira, mais saborosa, mais humana, mais bela; e isso é um milagre (aos meus olhos e aos olhos dos outros). Obrigado pela companhia que me fazes e pelo caminho que me mostras.

Quando te ouvi pela primeira vez, impressionou-me muito, porque o que contaste iluminou a passagem final do ponto 6, que foi mencionada anteriormente: podemos estar no movimento como um "âmbito de relações" e continuar a chorar por um desejo não realizado. Tu estavas num âmbito de relações, mas continuaste a chorar, continuaste a fixar-te numa parcialidade; o encontro feito não conseguia tornar-se totalizante. Na semana passada, estive na Holanda e encontrei dois casais que me disseram que estavam na mesma condição de não poder ter filhos. Uma das mulheres, vendo a alegria no rosto da outra, começou a fazer desse encontro a forma com a qual viver a sua situação. E isso fê-la mudar. Muitas vezes, podemos viver a vida do movimento como um âmbito de relações e chorar ou lamentarmo-nos porque não reconhecemos a novidade que isso introduz. Se o movimento não se tornar totalizante, isto é, se ele não se tornar "forma verdadeira de cada relação" (p. 36), pode-se

permanecer num âmbito de relações e continuar a ser determinado pelo que não corre como queremos (não ter filhos, não ser promovido no trabalho como se esperava, ter um colega que nos dá cabo do juízo). E isto acaba por nos bloquear e desiludir-nos. Mas assim que alguém nos dá uma sugestão que nos faz experimentar o encontro como totalizante, ou seja, a forma de qualquer relação, tudo muda. Se não entrar nas entranhas da experiência, o encontro não terá impacto na vida. Por isso, agradeço-te e às amigas que conheci na Holanda, porque tornaram carnal aos meus olhos esta passagem da EdC, que considero preciosa para todos, porque nos dá uma sugestão para o caminho. Se o encontro não é totalizante, isto é, se ele não se torna a forma e a modalidade de qualquer relação, o cristianismo não penetra nas entranhas e, portanto, continuaremos a chorar, a ser determinados pelas nossas parcialidades e pelo que não corre bem. Jesus não nos prometeu que tudo correria de acordo com o que achamos. O que mais me impressiona nesta história é que estas três pessoas ainda não têm filhos e mudaram de rosto! O rosto não muda porque a minha imagem de realização do desejo se torna realidade, mas porque Cristo entra na nossa carne de uma maneira totalizante.

Isto é o Natal! Cristo veio para isto, para entrar nas entranhas da nossa necessidade e responder-lhe surpreendentemente. Por isso, seja qual for a situação em que estejamos, será um bom Natal para todos!

A próxima Escola de Comunidade realiza-se na quarta-feira, 22 de janeiro, às 21h. Neste mês, trabalharemos os pontos 7 e 8 do primeiro capítulo de *Gerar rasto na história do mundo*.

O livro do mês de janeiro e fevereiro será *As minhas leituras*, de don Luigi Giussani, que contém alguns textos das suas "leituras", feitas em várias ocasiões, sobre autores que lhe eram queridos; podemos ver como para ele foi um "acontecimento" ler Leopardi, Pascoli, Rebora, Péguy, Eliot e muitos outros. É um contributo precioso conhecer o surpreendente percurso de don Giussani no qual emerge a sua paixão pelo humano, com a qual cada um de nós, literatos ou não, se pode confrontar. O livro acaba de ser reeditado pela BURSaggi. (*em Portugal, editado pela Tenacitas, Coimbra 2010*)

Neste Natal, pedimos ao Senhor que sejamos capazes de seguir, de dizer sim à modalidade com que Ele vem ao nosso encontro. Sem o "sim" de Nossa Senhora, não estaríamos aqui. Sem o "sim" de don Giussani, nenhum de nós - absolutamente nenhum! - estaria aqui; sem o teu "sim" e o meu "sim", agora, não haveria outros. Por isso, vivamos o Natal olhando para o poder com que Cristo entra na nossa vida - como entrou na vida de São José e dos pastores - e desse olhar surgirá a letícia que poderemos testemunhar aos nossos irmãos homens, neste tempo em que o nihilismo permeia cada vez mais toda a cultura.

Feliz Natal para todos.

Veni Sancte Spiritus